

UNIVERSIDADE POSITIVO

A IMPORTÂNCIA DO TURISMÓLOGO DENTRO DE INSTITUIÇÕES
MUSEOLÓGICAS

Curitiba – PR

2010

FERNANDA BRUSCO MOREIRA
SABRINA HOENIG ALVES

A IMPORTÂNCIA DO TURISMÓLOGO DENTRO DE INSTITUIÇÕES
MUSEOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Turismo da Escola de Negócios da
Universidade Positivo como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em
Turismo

Orientador: Msc. Waldir Egenolf Prochnow

Curitiba - PR

2010

RESUMO

O turismólogo ocupa cada vez mais seu espaço na sociedade, podendo trabalhar em diversas áreas devido à visão holística de sua profissão, com o objetivo deste trabalho de analisar a aceitação do turismólogo em instituições museológicas, levantando as principais vantagens que esse profissional agregaria aos museus em que atua, usando como base a bibliografia a respeito de museus e turismo, assim como examinar, através da aplicação de questionários, se haveria aceitação por parte dos profissionais atuantes em museus, sendo que para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, os critérios envolvidos na amostragem foram a seleção de alguns dos principais museus de Curitiba, sendo que os profissionais entrevistados foram diretores, coordenadores ou supervisores culturais e demais funcionários atuantes nas instituições pesquisadas, e após a análise dos questionários aplicados, constatou-se a importância que o turismólogo teria caso fosse inserido ao corpo técnico dos museus devido à sua multidisciplinaridade, assim como a grande aceitação por parte dos mesmos, resultando em um cenário positivo para os turismólogos.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Turismólogo; Museus Curitibanos.

LISTAS DE SIGLAS

CAM – Casa Andrade Muricy

COSEM – Coordenação do Sistema Estadual de Museus

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAC/ PR – Museu de Arte Contemporânea do Paraná

MHN – Museu Histórico Nacional

MIS/ PR – Museu da Imagem e do Som do Paraná

MUSA – Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná

SAMP – Sociedade Amigos do Museu Paranaense

SEEC – Secretaria de Estado da Cultura

SEM/ PR – Sistema Estadual de Museus do Paraná

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFPR – Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
1.1 OBJETIVO GERAL.....	08
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	09
2.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DE TURISMO.....	09
2.1.1 Breve histórico do surgimento dos museus.....	13
2.2 CARACTERÍSTICAS PECULIARES DE TURISMO E MUSEUS.....	19
2.2.1 Contribuição do turismólogo para os museus.....	20
2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS RELACIONADOS COM O OBJETO DE ESTUDO.....	21
2.3.1 Breve histórico dos museus de Curitiba incluídos na pesquisa de campo.....	21
2.3.1.1 Casa João Turin.....	21
2.3.1.2 Museu Alfredo Andersen.....	22
2.3.1.3 Museu Botânico Municipal.....	24
2.3.1.4 Casa Romário Martins.....	25
2.3.1.5 Museu da Fotografia Cidade de Curitiba.....	26
2.3.1.6 Casa Andrade Muricy.....	26
2.3.1.7 Museu de Arte Contemporânea do Paraná – MAC/PR.....	27
2.3.1.8 Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – MUSA.....	28
2.3.1.9 Museu de Arte Sacra.....	28
2.3.1.10 Museu da Imagem e do Som - MIS/PR	29
2.3.1.11 Museu Egípcio e Rosacruz.....	30
2.3.1.12 Museu Paranaense.....	31
2.3.1.13 Museu Ferroviário de Curitiba.....	32
2.3.1.14 Museu da Gravura Cidade de Curitiba.....	32
2.3.1.15 Coordenação do Sistema Estadual de Museus – COSEM.....	32
3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	34
3.1 PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
3.2 PESQUISA DE CAMPO.....	34

3.2.1 Instrumento de pesquisa.....	34
3.2.2 Pesquisa com os museus da cidade de Curitiba.....	37
3.2.3 Definição das questões.....	40
3.3 ANÁLISE DAS QUESTÕES.....	41
3.3.1 Resultados.....	49
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
5. REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

O segmento escolhido para a elaboração deste trabalho é o Turismo Cultural, onde o trabalho irá analisar durante o ano de 2010 a importância do Turismólogo dentro de Museus, localizados na cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná.

Os museus são de extrema importância para todas as cidades, pois relatam a história das mesmas, identificam toda a cultura de uma região ou dos seus grupos sociais, momentos marcantes de uma época que através dos museus ficam vivos na mente de seus habitantes.

As habilidades de um Turismólogo ainda são um tanto desconhecidas no Brasil, pelo fato de ser uma profissão relativamente nova, comparada a outros profissionais da cultura, como historiadores, arqueólogos, antropólogos e outros, sendo assim, há a necessidade de mostrar o seu valor e como ele poderá contribuir para essas instituições, a fim de melhorar a recepção de visitantes de forma planejada, adaptar linguagens usadas nos circuitos para facilitar o entendimento do público, bem como adaptar o espaço com acessibilidade para os visitantes com necessidades especiais, melhorar o *marketing* e contribuir na realização de grandes eventos técnico-científicos e mostras culturais.

O problema retratado neste trabalho é verificar se o Turismólogo será aceito nestas instituições museológicas por parte do corpo técnico dos mesmos, como historiadores, antropólogos, arqueólogos, museólogos e outros profissionais, tendo em vista a especificidade das profissões citadas e a visão generalista do Turismólogo?

Uma das hipóteses para este problema seria a falta de conhecimento ou conhecimento limitado destes profissionais a respeito do trabalho do turismólogo, bem como suas habilidades na atuação dentro de museus e também a especificidade característica dos técnicos para entender as necessidades dos visitantes e conseguir adaptar o espaço, a linguagem usada nas etiquetas dos objetos e o discurso feito pelos monitores para os diferentes tipos de públicos a essas necessidades, uma vez que o Turismólogo desenvolve uma visão holística para conseguir suprir essas necessidades e quebrar as barreiras da impossibilidade no que diz respeito a compreensão de um espaço museológico.

Partindo do pressuposto de que um museu só existe se houver visitantes e de que a atividade turística é decorrente do interesse das pessoas em conhecer novas culturas, juntamente com o estágio no Museu Paranaense por parte de uma das integrantes do grupo para a realização deste trabalho, despertou o interesse das autoras em abordar este tema, uma vez que observando o ambiente museológico sentiu-se que um Turismólogo poderá ser útil neste meio, e assim proposto o tema.

1.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a importância do Turismólogo dentro de instituições museológicas, bem como a vantagem que ele traria a essas instituições no que diz respeito à recepção de visitantes de forma planejada, adequação do circuito expositivo, *marketing* e divulgação e também na elaboração de eventos técnico-científicos dentro destes espaços.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Levantar informações sobre o conhecimento que os responsáveis pelos museus pesquisados em Curitiba possuem sobre a movimentação turística em seus museus e também a importância do museu em que trabalham para o turismo cultural em Curitiba.

- Descobrir a opinião dos responsáveis pelos museus pesquisados em Curitiba a respeito da inserção do turismólogo nesses espaços, bem como seus conhecimentos sobre o trabalho ou áreas de atuação desse profissional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ELEMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS DE TURISMO

Para entender a proposta deste trabalho deve-se primeiramente conhecer um pouco da evolução histórica do turismo e do surgimento dos museus e em que momentos eles se encontram.

O ato de viajar devido ao comércio é anterior à formulação do conceito de turismo, tal como o conhecemos hoje, onde se viaja para conhecer novas culturas e também por outros motivos como a prática de esportes.

O deslocamento voluntário e temporário fora de sua residência habitual (superior a 24 horas, com pelo menos um pernoite e um período máximo de noventa dias), por uma razão diferente que a de exercer uma atividade remunerada. Ou seja, movido por razões distintas de atividades de negócios ou profissionais. A ênfase é posta no aspecto recreacional. (SIQUEIRA, 2005, p. 78)

O Turismo iniciou-se na Idade Antiga, com as Olimpíadas, onde a população (espectadores e atletas) se deslocava até a cidade de Olímpia (Grécia) para acompanhar as competições que ocorriam a cada quatro anos, os viajantes eram acomodados na cidade para acompanhar os Jogos Olímpicos.

O povo grego foi uma das culturas mais voltadas à viagens. Realizaram contínuas e freqüentes viagens a seus santuários, celebrando simultaneamente competições atléticas e immortalizando algumas de suas cidades como Delfos, Atenas, Corinto e Olímpia (BERMÚDEZ *apud* BARBOSA, 2002, p. 16)

No Império Romano, o povo era incentivado a assistir peças de teatro, luta de gladiadores e costumavam freqüentar termas. A Paz Romana possibilitou o crescimento do Turismo, pois com o cessar das guerras, houve uma melhoria nas estradas e meios de hospedagem.

O autor Urry (2001, p.19) cita ainda que, “na Roma Imperial, por exemplo, existia para a elite um padrão bastante amplo de viagens voltadas para o prazer e para a cultura.”

Com a queda do Império Romano, houve o rompimento da primeira fase do Turismo, onde as pessoas pararam de viajar, pois, faltavam-lhes recursos financeiros e as condições das estradas se tornaram precárias por causa dos conflitos.

O colapso do Império Romano, no século V (ano de 476), marcava a entrada de uma nova era, a Idade Média, e abalava profundamente as viagens com finalidade de lazer e turismo na Europa. No período da idade das trevas, apenas as pessoas aventureiras iriam enfrentar os riscos de uma viagem [...] Agravando um pouco mais a situação, surgia um outro inconveniente: havia vários assaltantes de estradas, obrigando as pessoas a transitarem em grupo (BARBOSA, 2002, p.20).

Na Idade Média, o Turismo volta a aumentar devido às peregrinações religiosas, sendo os roteiros turísticos mais procurados a Terra Santa, na cidade de Jerusalém, o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha e Meca, na Arábia Saudita (onde os muçulmanos devem ir pelo menos uma vez na vida).

“No final da Idade Média, um número crescente de peregrinos viajava para os principais templos na Europa [...]. Entretanto, predominavam as de âmbito religioso, e o aspecto de viagens de prazer perdeu o interesse” (MCINTOSH, *apud* BARBOSA, 2002, p. 22)

Com o aumento das viagens religiosas, a figura do peregrino tornou-se comum entre as várias religiões existentes.

A motivação destas peregrinações era a fé, não sendo levados em consideração os percalços enfrentados por eles no caminho.

O peregrino não escolhia o itinerário nem a durabilidade de seu périplo. Ele estava totalmente exposto às dificuldades e às intempéries do caminho a ser percorrido. [...]. No Renascimento, era preciso de oito a nove meses para fazer a viagem a Jerusalém. Lentidão e incerteza constituíam a sorte do peregrino, juntando-se a isso o desconforto e a falta de higiene (URBAIN *apud* BARBOSA, 2002, p.24).

Nesse mesmo período foi impresso o primeiro roteiro de viagem pelo peregrino francês Aymeric Picaud, por volta do ano de 1135 a partir da descoberta das rotas ligando França e Espanha.

“Nos séculos XII e XIV as peregrinações haviam se tornado um amplo fenômeno [...]. Essas peregrinações incluíam freqüentemente uma mescla de devoções religiosas, cultura e prazer”. (URRY, 2001, p. 19)

Inicia-se no século XVI o *Grand Tour*¹, passando a viajar-se para obter conhecimento e aprender novas línguas. Os estudantes, filhos de nobres europeus, viajavam pela Europa acompanhados por seus guias (professores) durante anos, em busca de novas experiências, educação e cultura. Estes estudantes eram considerados aventureiros, pois tinham de enfrentar vários percalços durante a viagem, como a precariedade nos meios de transporte e hospedagens.

Ao final do século 17, o turismo era essencialmente praticado por filhos da aristocracia e da chamada *gentry* (pequena nobreza). Mas, aos poucos, essa clientela foi se ampliando, de modo que, ao final do século 18, o *Grand Tour* estava já firmemente estabelecido para os filhos da classe média urbana melhor situada. (SMITH *apud* SALGUEIRO, 2002)

Após este período, as viagens começaram a ficar mais populares entre os nobres, aumentando a curiosidade em conhecer outras regiões, surge então um novo perfil de viajante que buscava à cultura e o conhecimento acima de tudo.

O *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas [...]. Um viajante dispoindo acima de tudo de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela historiografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura. (SALGUEIRO, 2002)

O tempo de viagem variava conforme o trajeto escolhido e as condições das estradas. Os jovens fidalgos hospedavam-se em mansões, fortalezas e castelos.

O método utilizado para recordar-se de sua viagem era anotando relatos durante o percurso, ou fazendo desenhos e pinturas, retratando a paisagem vista. Estes relatos eram publicados e distribuídos aos nobres de toda a Europa, para incentivá-los a se aventurar.

¹ Termo utilizado pela primeira vez numa publicação de 1670, sob a autoria de Richard Lassels. (CAMARGO, 2002, p. 38)

Em meados do século 18 existiam já diversos guias impressos tendo como preocupação orientar o viajante na visita a locais célebres e antigüidades de Roma. Algumas leituras constituíam parte da preparação para a viagem. (SALGUEIRO, 2002)

Pode-se perceber que foi a partir deste momento que surgiram os primeiros guias turísticos, que auxiliavam novos aventureiros com dicas de hospedarias, rotas a serem seguidas, além de indicações aos viajantes publicadas em livros ou jornais.

Nesse renovado gênero literário eram enaltecidas as belezas paisagísticas, o patrimônio histórico e cultural, a gastronomia, o conforto das estalagens e hospedarias, as vias de comunicação, os melhores meios de transporte. E, para que outros lhes pudessem seguir os passos, resolveram aqueles turistas mais ilustres e experimentados escrever não só as suas memórias de viagens como também alguns guias turísticos (MESQUITA *apud* BARBOSA, 2002, p. 36)

Em 1841, Thomas Cook organiza a primeira viagem de um grupo, fretando um trem. A partir daí, passa a trabalhar no setor turístico, criando a primeira agência de viagens em 1872 em Nova Iorque. Neste período surge o termo guia de turismo e *voucher* “documento que permitia sua utilização em hotéis para o pagamento dos serviços contratados em sua agência” (REJOWSKI, 2002, p. 56)

O modelo de viagem proposto por Thomas Cook alterou de forma significativa o conceito das viagens e o público que as buscava, o foco tornou-se a diversão descompromissada e não mais o aprendizado e o enriquecimento cultural, surge então, a partir da década 1950 o turismo de massa, que teve o seu auge nos anos de 1970.

Aos turistas de massa, a atividade já pouco acrescentava, tanto do ponto educacional quanto de lazer. [...] Tais experiências também não propiciavam aos turistas oportunidades de interação com o núcleo receptor, ou de troca de experiências com a comunidade autóctone, pouco contribuindo para a educação daqueles que viajavam. (COSTA, 2009, p. 30)

A partir de 1990 surge um novo tipo de turista que têm um perfil muito parecido com o do *grand tourist*, esse turista tem um espírito mais aventureiro, busca novas experiências e se preocupa em conhecer o local e as comunidades que visita.

No Brasil, segundo Rejowski (2002), em meados 1990, observa-se uma busca pelo resgate da cultura e do patrimônio instigada pela possibilidade de suprir esta nova demanda turística e também pelo tombamento de várias cidades brasileiras como Diamantina e Ouro Preto, em Minas Gerais e Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul como Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Segundo Beltrão (2001), no século XXI, o turismo tende a se destacar nas áreas que estão ligadas ao meio ambiente e sustentabilidade.

Devido a globalização, a viagem virtual a outros países se tornou muito frequente com o advento da internet, pois pessoas de diferentes classes econômicas podem ter acesso à informações de qualquer lugar do mundo. Segundo Oliveira (2004) “a facilidade de transmissão de diversas formas de dados em alta velocidade é a principal característica da internet, que se utilizada de maneira correta, pode trazer diversas vantagens para empresas e destinos turísticos.”

Apesar do turismo de massa que vivemos hoje, fruto da Revolução Industrial, as novas tendências mostram que cada vez mais o turismo se tornará consciente e priorizará o patrimônio natural e cultural como busca pela sustentabilidade

2.1.1 Breve histórico do surgimento dos museus.

A palavra museu surgiu na Grécia, por volta do século II a. C., e era utilizado para nomear locais de estudos das ciências e das artes. A função dos museus seria pesquisar, conservar e expor elementos com valores histórico-culturais.

O *mouseion* era [...] onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras de arte expostas no *mouseion* existiam mais em função de agregar as divindades do que serem contempladas pelo homem. (SUANO, 1986, p.10)

Segundo Julião, durante o Renascimento, muitas coleções que surgiram no século XIV que pertenciam à famílias nobres, se enriqueceram durante o século XV e XVI devido a expansão marítima.

Neste mesmo período, ainda segundo Julião (2010), surgiram os Gabinetes de Curiosidades, eram espaços que se buscavam simular a natureza e detinham um grande número de espécies exóticas e várias vindas de lugares longínquos da Terra.

No século XVII e XVIII, esses Gabinetes se especializam e seguem alguns critérios científicos para se organizarem, desta forma deixaram de ter a função de um espaço de curiosidades para dar lugar à pesquisas científicas.

Muitas dessas coleções, que se formaram entre os séculos XV e XVII, se transformaram posteriormente em museus, tal como hoje são concebidos. Entretanto, na sua origem, elas não estavam abertas ao público e destinavam-se à fruição exclusivas de seus proprietários e de pessoas que lhes eram próximas. (JULIÃO,2010)

Apenas ao fim do século XVIII, o acesso do público às coleções se tornou definitivo, pois a Revolução Francesa auxiliou na estrutura moderna dos museus, que se concretizou ao final do século XVIII e durante o século XIX, com o surgimento de importantes museus em toda a Europa.

Os primeiros representantes foram o Museu Britânico, criado em 1759 e o Museu de Louvre, em 1793. Logo após surge o Museu do Prado, na Espanha, em 1819

Concebidos dentro do “espírito nacional”, esses museus nasciam imbuídos de uma missão pedagógica – formar o cidadão, através do conhecimento passado – participando de uma maneira decisiva do processo de construção das nacionalidades. (JULIÃO,2010)

No Brasil, segundo Trigo (2000), o primeiro museu a ser criado foi o Museu Real, fundado por D. João VI, no Rio de Janeiro, no ano de 1818, cujo acervo compunha objetos de história natural doados pelo próprio D. João VI, no Rio de Janeiro também foi fundado, em 1864, o Museu do Exército Casa de Deodoro, em plena Guerra do Paraguai.

Na sequência, foi inaugurado o Museu Paraense Emílio Goeldi, na cidade de Belém, no Pará, em 1866 e em Curitiba, no Paraná foi fundado o Museu Paranaense, no ano de 1876.

O nacionalismo ganhou espaço na museologia brasileira com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), em 1922. Segundo Julião (2010), “o MHN rompeu com a tradição enciclopédica, inaugurando um modelo de museu consagrado à história,

à pátria, destinado a formular, através da cultura material, uma representação da nacionalidade.”

No século XX, os museus começaram a se espalhar por todo o Brasil. Destacando-se principalmente, segundo Trigo (2000):

1904 – Museu e Biblioteca Pública Pelotense, Pelotas (RS);

1905 – Museu Instrumental da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ);

1908 – Museu de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro (RJ);

1912 – Museu Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracajú (SE);

1920 – Museu do Instituto Arqueológico, Histórico, Geográfico Pernambucano, Recife (PE);

1922 – Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro (RJ);

1929 – Museu do Estado de Pernambuco, Recife (RJ)

1930 – Museu do Instituto Biológico, São Paulo (SP);

1933 – Museu da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Rio de Janeiro (RJ);

1934 – Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ);

1937 – Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro (RJ);

1940 – Museu das Missões, Santo Ângelo (RS);

1941 – Museu Histórico do Piauí – Casa Anísio de Brito, Teresina (PI);

1944 – Museu da Inconfidência, Ouro Preto (MG);

1945 – Museu do Ouro, Sabará (MG);

Museu Imperial, Petrópolis (RJ);

1947 – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo (SP);

1948 – Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM / SP), São Paulo (SP);

1949 – Museu de Arte de Santa Catarina, Florianópolis (SC);

1950 – Museu da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis (SC);

1952 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM / RJ), Rio de Janeiro (RJ);

1953 – Museu Histórico Farroupilha, Piratini (RS);

- Museu Oceanográfico de Rio Grande (RS);
- 1954 – Museu do Diamante, Diamantina (MG);
- 1956 – Museu Anita Garibaldi, Laguna (SC);
- 1957 – Museu do Instituto Butantã, São Paulo (SP);
- Museu de Nossa Senhora de Aparecida, Aparecida (SP);
- 1960 – Museu Villa-Lobos, Rio de Janeiro (RJ);
- 1961 – Museu Nacional de Imigração e Colonização, Joinville (SC);
- 1963 – Museu Geográfico e Geológico, São Paulo (SP);
- Museu José Bonifácio, São Paulo (SP);
- 1964 – Museu do Homem de Sambaqui, Florianópolis (SC);
- Museu do Instituto de Biologia Marinha, Natal (RN);
- Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP);
- 1965 – Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, Paranaguá (PR);
- Museu da Imagem e do Som (MIS / RJ), Rio de Janeiro (RJ);
- 1971 – Museu Histórico da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, Porto Velho (RO);
- Museu Nacional do Cinema, Rio de Janeiro (RJ);
- 1980 – Museu Postal e Telegráfico, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Brasília (DF);
- 1982 – Museu da Imprensa, pelo Ministério da Justiça, Brasília (DF);
- 1983 – Museu do Teatro Municipal, pela Secretaria de Cultura, São Paulo (SP);
- 1984 – Museu do Teatro, pela Secretaria de Estado da Cultura, Curitiba (PR);
- Museu Gemológico H. Stern, no Espaço Cultural H. Stern, Rio de Janeiro (RJ);
- 1985 – Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil, pela Fundação Lucien Finkelstein, Rio de Janeiro (RJ);
- Museu de Astronomia e Ciências Afins, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Rio de Janeiro (RJ);

Museu Integrado de Roraima (Botânica, Zoologia, Antropologia), Boa Vista (RR);

Museu dos Transportes Públicos Gaetano Ferolla, pelo Serviço Nacional do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, São Paulo (SP);

1986 – Museu do Círio, pela Secretaria de Estado da Cultura, Belém (PA);

1989 – Museu da Gravura Cidade de Curitiba, pela Fundação Cultural de Curitiba, Curitiba (PR).

Museu Amsterdam Sauer de Pedras Preciosas e Minerais Raros, Rio de Janeiro (RJ);

1990 – Museu Egípcio e Rosacruz, pela Ordem Rosacruz (Amorc), Curitiba (PR);

1991 – Museu Amazônico da Fundação Universidade do Amazonas, Manaus (AM);

Museu Botânico, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro (RJ);

1992 – Museu do Superior Tribunal de Justiça, instalado no STJ, Brasília (DF);

2002 – NovoMuseu, atual Museu Oscar Niemeyer, Curitiba (PR).

2006 – Museu da Língua Portuguesa, São Paulo (SP).

No ano de 1937 surge o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que, atualmente conhecemos como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o SPHAN era um organismo federal e sua criação foi solicitada a intelectuais e artistas modernistas, que marcou o processo institucional de uma política de proteção ao patrimônio cultural do Brasil, reflexo este, do ideal da constituição de uma identidade cultural para o país e a coroação do anseio de proteção aos monumentos históricos que vinha desde o século XVII. (IPHAN, 2010).

Julião (2010) afirma ainda de que “tratava-se de construir uma identidade alicerçada em uma cultura genuinamente brasileira, o que representou valorizar o passado e as tradições nacionais, num esforço de conciliação do antigo com o novo.”

No ano de 1945, a museologia no Brasil sofreu mudanças principalmente nos seus princípios e práticas, na busca de dinamizar estas instituições imprimindo ao público a idéia de um ambiente de lazer e educação. Neste período iniciou-se a

utilização dos museus para eventos culturais e atividades educativas propostas pelo próprio museu e também por outras instituições não museológicas.

Em 1946 com a fundação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), que está ligado à Unesco, no qual o Brasil estaria representado, as discussões e propostas que permeavam as transformações das instituições museológicas ganharam poder.

Nos anos 60, segundo Julião (2010), os museus começaram a reformular suas estruturas para adequar suas atividades ao novo perfil da sociedade, pois “a descolonização africana, os movimentos de negros pelos direitos civis nos EUA, a descrença nas instituições educativas e culturais do ocidente, a luta pela afirmação dos direitos de minorias configuraram um cenário propício a mudanças na política cultural.” Assim os museus deixaram de ser ambientes que mostram e representam a cultura burguesa a deram espaço à cultura popular e ao meio ambiente.

A explosão de museus no Brasil ocorreu na década de 80, seguindo passos de outros países. Desta forma os museus se segmentaram a fim de atender os diferentes perfis de público e grupos sociais.

Na década de 90, conforme Julião (2010),

“As leis de incentivo à cultura, em âmbitos municipal, estadual e federal, têm assegurado recursos, provenientes da renúncia fiscal do Estado, que vêm permitindo a sobrevivência e/ou a revitalização de muitos museus, bem como a realização de projetos arrojados de preservação do patrimônio cultural.” (JULIÃO, 2010)

Em janeiro de 2009, no Brasil, de acordo com IBRAM (2010), o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, assinou a Lei nº 11.906 de criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), ligado ao Ministério da Cultura que absorveu as atividades como direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais que eram atribuídas ao IPHAN.

Desta forma o IBRAM ficou responsável pela Política Nacional de Museus, pelo aprimoramento dos serviços prestados por estas instituições, criação de políticas de aquisição e preservação de acervos e também na criação de ações associadas entre os museus brasileiros.

2.2 CARACTERÍSTICAS PECULIARES DE TURISMO E MUSEUS

A relação entre o fluxo turístico e museus é relativa, pois enquanto a função do museu é preservar seu patrimônio, o turismo de massa pode acarretar a degradação do patrimônio devido o grande fluxo de turistas, e desta forma ocorre um contraste entre os objetivos de cada um.

O Turismo cultural caracteriza-se pela busca de aprendizagem através de centros culturais e históricos, museus e monumentos. Como o turismo cultural exerce grande influência econômica, ocorrem impactos devido à demanda, com isso os museus necessitam de medidas sustentáveis para manterem seu patrimônio conservado.

Mesmo com os problemas causados pela atividade em relação ao patrimônio material, o que obriga as autoridades, em muitos casos, a restringir-lhes o acesso, é preciso reconhecer que, de modo geral, o turismo com motivação cultural pode gerar mais vantagens do que desvantagens, principalmente na preservação do patrimônio arquitetônico. (DIAS, 2006, p. 49)

Segundo Castro (2007), a interdependência entre as duas atividades existe, porque os turistas visitam museus para entender melhor a história e cultura da cidade ou região que estão conhecendo, enquanto que os museus precisam de público para visitar suas exposições, pois é a presença do visitante, a exposição dos objetos a alguém, que configura o espaço como tal.

O senso comum criou um estereótipo sobre os museus, cultivando a idéia de que são lugares onde ficam armazenadas coisas velhas e sem interesse. Isto está tão ligado a cultura, que as agências de viagens que trabalham com turismo receptivo não oferecem aos turistas pacotes com ingressos dos museus da cidade.

Para alguns, o Brasil, famoso por suas praias e sua natureza exuberante, não possuiria instituições culturais capazes de atrair o interesse do turista, justificando, por exemplo, a inclusão da visita a um museu nas atividades de um pacote turístico. [...]. Por outro lado, a ausência de incentivo e de divulgação mais agressiva cria um círculo vicioso, que afasta o turista do museu e ao mesmo tempo impede que o museu se reestruture para atingir um público mais amplo. (FUNARI; PINSKY, 2001, p. 27)

Internacionalmente, as cidades turísticas valorizam seus museus, sendo que estes se sobrepõem aos próprios atrativos turísticos na ordem de importância de serem visitados. As próprias agências de viagens de turismo emissivo já integram no pacote de *city tour*, os ingressos para todos os museus mais importantes que a cidade possui. Um exemplo disso seria o Museu do Louvre, na França, onde se encontram peças raras e é um dos mais procurados do mundo para se visitar.

Na cruzada para atrair o turista, os museus mais importantes contam com exposições temporárias, constantemente renováveis; pessoal treinado para atender diferentes segmentos do público (crianças, idosos, grupos, deficientes etc.); ingressos promocionais; publicações impressas em vários idiomas; e divulgação das atividades por meio de campanhas publicitária [...]. Mas muito mais, os museus passam a constituir, por si só, um pólo de atração. (FUNARI; PINSKY, 2001, p. 27)

2.2.1 Contribuição do turismólogo para os museus

Devido à visão holística e a multidisciplinaridade do curso de Turismo, os turismólogos são aptos para compreender as necessidades dos visitantes dentro de instituições museológicas.

Segundo Murta; Albano (2002), ainda há muito o que fazer para otimizar a experiência de visitação como estimular o olhar, instigar a curiosidade e levar o turista a desvendar toda a essência do lugar.

O turismólogo obt m a capacidade de instituir uma comunica o com o visitante, auxiliando-o a ampliar seu conhecimento através da interpreta o do espaço museológico, uma vez que esta interpreta o valoriza o espaço em dois âmbitos. Murta; Albano (2002) defendem que “de um lado, valoriza a experiência do visitante, levando-o a uma melhor compreensão e aprecia o do lugar visitado; de outro, valoriza o próprio patrimônio, incorporando-o como atra o turística”.

Além de auxiliar o visitante na interpreta o do espaço, o turismólogo consegue traçar o perfil do público que visita os museus através de pesquisas e um contato mais direto com o visitante, podendo assim assessorar o corpo técnico a adaptar os espaços e exposi es de acordo com o que o público deseja e necessita, tornando assim o museu um ambiente mais agradável e melhor preparado para receber o seu visitante.

Outras atividades que podem ser de fácil execução pelo turismólogo dentro de instituições museológicas é a promoção de eventos técnico-científicos e de divulgação como mostras, coquetéis de abertura e atividades que permitam a maior proximidade da comunidade local com o museu. O marketing dos museus também pode ser facilmente assumido por um turismólogo, pois grande parte de sua divulgação é feita aos turistas, assim uma parceria entre as secretarias de turismo e de cultura possibilitaria a criação de vários mecanismos para unir o interesse de ambas, como a criação de roteiros museológicos e eventos que tragam turistas às cidades devido a uma programação cultural focada em museus.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS RELACIONADOS COM O OBJETO DE ESTUDO

Os museus abordados na pesquisa são instituições de suma importância para a cidade de Curitiba, pois seu acervo é diversificado e o seu legado cultural é de grande valor histórico para nossa sociedade.

2.3.1 Breve histórico dos museus de Curitiba incluídos na pesquisa de campo.

2.3.1.1 Casa João Turin

A Casa João Turin foi criada em 1953 para preservar o ateliê do escultor, seu acervo e sua memória. Foi instalada em um imóvel de propriedade do Estado em 1989, uma residência de estilo neoclássico construída no início do século XX.

A instituição tem como principal objetivo resgatar a memória de João Turin, preservar o acervo e promover projetos e eventos ligados direta ou indiretamente ao artista e sua obra, além de promover exposições temporárias de artistas que trabalham com a arte tridimensional. Seu acervo é composto por esculturas, pinturas e objetos, além de dezenas de desenhos e estudos em papel do artista.

Dentro das atividades voltadas à interação museu-escola o destaque é o teatro de bonecos, o qual aborda temas sobre a trajetória de João Turin e sobre a importância

da memória, da preservação e da história dos museus. As peças teatrais são apresentadas para as crianças principalmente de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, durante as visitas escolares ao museu.

A cada dois anos, ocorre a Mostra João Turin de Arte Tridimensional, destinada aos artistas que trabalham com arte tridimensional, evento oficial do Estado do Paraná promovido pela Secretaria de Cultura e organizada pela instituição. (DINIZ; MEDRONI, 2006,p. 40)

2.3.1.2 Museu Alfredo Andersen

O Museu Alfredo Andersen tem por objetivo catalogar, conservar, expor, divulgar e busca resgatar a memória de Alfredo Andersen como artista e educador, de origem norueguesa nascido em 1860 e que escolheu o Paraná como sua pátria de coração, faleceu em 1935. Considerado o primeiro artista plástico a atuar profissionalmente e a incentivar o ensino de Arte no Paraná, Andersen é considerado “Pai da Pintura Paranaense”.

Conta-nos a história, que em 1892 o navio em que Andersen viajava acompanhando seu pai, que sonhava em ver o filho engenheiro naval, partiu da Noruega a caminho da Argentina e teve problemas necessitando reparos. Como estavam costeando o litoral paranaense, o porto de Paranaguá pareceu adequado para a parada. Andersen encantou-se com o povo, a paisagem, o sol que brilhava com mais intensidade, colorindo de maneira sem igual o litoral, resolveu ficar, não mais retornando ao navio, que após consertos seguiu viagem. Andersen residiu no litoral por cerca de dez anos, pintando e ensinando a sua arte. Constituiu família casando-se com uma descendente de índios.

Em 1902, o artista veio residir em Curitiba, e deu continuidade à suas atividades como pintor e professor. Porém, somente em 1915 Andersen mudou-se com sua família e seu atelier-escola para esta casa onde hoje é o museu que leva seu nome. É uma edificação eclética, do final do século XIX que remete ao estilo neoclássico desenvolvido por imigrantes alemães que se fixaram em Curitiba. Composta de dois pavimentos, e confeccionada em alvenaria possui uma fachada principal simétrica, na

qual se destacam os elementos decorativos bastante estilizados, uma pequena varanda de peitoril metálico e uma placa com um baixo relevo de Alfredo Andersen.

O edifício sede do Museu Alfredo Andersen possui no piso inferior as “Salas do Acervo” onde há uma pequena reconstituição do atelier do Mestre e salas de exposições organizadas com as obras do dono da casa. As “Salas Alternativas” mostram pequenas, porém importantes exposições temporárias de artistas discípulos de Andersen, convidados e/ou artistas contemporâneos contemplados pelo Edital que o Museu organiza anualmente. No piso superior há um grande “Salão de Exposições”, onde organiza-se mostras de grande porte de artistas paranaenses, de Andersen à contemporâneos que possuem em sua trajetória artística vínculos com esta casa e sua história, mostras de coleções e acervos pertencentes a outras instituições e particulares, sempre seguindo-se a questão do vínculo com Andersen. Em uma residência localizada ao lado do Museu e cedida em regime de comodato, o “Anexo” estão instaladas três salas destinadas às exposições temporárias.

O setor Administrativo responde pela secretaria da instituição, manutenção e serviços de apoio. A Coordenadoria de Acervo e Documentação responde pela guarda e manipulação do acervo, catalogação da obra, documentos e objetos de Alfredo Andersen. A Coordenadoria de Arte-Educação organiza e promove as visitas monitoradas a estudantes, e grupos incluindo atividades lúdicas, apresentações cênicas das peças “Era uma vez um norueguês” e “Pintando o Sete” de autoria e com a participação dos professores e estagiários, promove a projeção do filme “Senhor Alfredo”, e projetos especiais como “Andersen na Escola” e “Andersen vai à Praça” [...].

O Atelier de Arte do Museu Alfredo Andersen promove oficinas regulares e especiais, *workshop*, teóricos e/ou práticos para o público jovem e adultos de desenho, pintura, gravura, modelagem, fotografia, composição e história da arte. As oficinas são ofertadas para diferentes níveis de conhecimento por profissionais respeitados nas áreas de arte e de arte-educação e estas atividades vem dar a continuidade ao sonho do Mestre Alfredo Andersen. O Centro Juvenil de Artes Plásticas, criado em 1953 por Guido Viaro, incorporada a estrutura administrativa do Museu em 1990, e tem sua atuação com oficinas de Arte-Educação para crianças e adolescentes entre os 06 e 14 anos, objetivando a experimentação e o desenvolver da criatividade por meio de

diferentes técnicas e linguagens artísticas, assim como ao conhecimento da arte pelo estudo de sua história.

O Museu promove diferentes eventos culturais abertos à comunidade com o intuito de difundir o conhecimento sobre a Arte e os mais importantes e fazem parte do calendário oficial da SEEC são a Semana Andersen promovida anualmente celebrando no mês de novembro a data de aniversário de Alfredo Andersen, nesta semana organiza-se Mostras e atividades especiais por toda as Coordenadorias do museu. O Salão e Congresso Nacional de Cerâmica acontece bienalmente e mostra, discute, homenageia, e premia artistas, designers e artesãos que se dedicam à criação plástica em material cerâmico. Promovido há mais de vinte anos pelo museu é uma referência de discussão e divulgação da arte cerâmica.

O Museu disponibiliza ao público direcionado de estudantes de Arte a Biblioteca Max Conradt Júnior, com obras de autores consagrados e especializada em artes plásticas. A Loja VivArte é um espaço administrado pela Sociedade Amigos de Alfredo Andersen e dedicado à venda de produtos com a marca do Museu e publicações sobre Alfredo Andersen e a arte paranaense. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 44)

2.3.1.3 Museu Botânico Municipal

O Museu Botânico foi fundado em 1965, quando o botânico curitibano Gerdt Güenther Hatschbach doou à Curitiba seu acervo de 18 mil exsicatas (amostras de plantas dissecadas e fixadas em cartolina) e uma biblioteca técnica de botânica de três mil volumes. A primeira sede funcionou no Passeio Público até 1975, sendo transferida para o Horto Municipal do Guabirotuba em 1992, com a implantação do Jardim Botânico. Ocupa um espaço de 1450 metros quadrados como sede definitiva do Museu Botânico, possuindo, além do Herbário, salão de exposições, educação ambiental, biblioteca e alojamento para pesquisadores.

Neste endereço, localizado às margens do lago, consolidou a sua importância para um público variado, desde cientistas e estudantes de instituições nacionais e internacionais a turistas e freqüentadores do Jardim Botânico.

É responsabilidade do museu a identificação, catalogação e conservação de plantas, com obras raras no seu acervo. Seu herbário, atualmente com cerca de 320 mil

exsicatas, é o quarto maior do país e tem o mais completo levantamento da flora do Estado.

A atividade preferida pelas crianças é a sala de educação ambiental decorada com trabalhos sobre a araucária e o pinhão entre outros temas, que são trabalhados pela “fada natureza” e por fantoches nas visitas das escolas ao local. O museu também disponibiliza um curso que capacita os professores a apresentarem o acervo local para os seus alunos de acordo com a matéria que ele está aplicando em sala de aula. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 47)

2.3.1.4 Casa Romário Martins

Último exemplar da arquitetura colonial portuguesa no centro de Curitiba, a edificação foi utilizada como moradia até o início do século passado, quando passou a abrigar o armazém de secos e molhados de propriedade de Guilherme Etzel e, a partir de 1930, o armazém do Roque. Manteve atividades comerciais até sua desapropriação, em 1970, pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Restaurada conforme projeto do arquiteto Cyro Ilídio Corrêa d’Oliveira Lyra, recebeu na inauguração o nome de Casa Romário Martins, em homenagem ao historiador e pesquisador Alfredo Romário Martins, autor de inúmeras obras referenciais sobre Curitiba. Como legislador, criou a Lei que define o dia 29 de março como a data oficial de comemoração do aniversário da cidade.

A Casa Romário Martins segue a tradição de divulgar e promover a história de Curitiba, por meio de exposições e outras atividades orientadas pelas pesquisas sobre a cidade.

Inaugurada em 14 de dezembro de 1973, a Casa Romário Martins passou a sediar o primeiro núcleo voltado à preservação dos suportes da memória de Curitiba, base inicial da Casa da Memória e da Diretoria de Patrimônio Cultural do município. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010)

2.3.1.5 Museu da Fotografia Cidade de Curitiba

Inaugurado em 1998, o Museu da Fotografia foi o primeiro do gênero no Brasil e o segundo da América Latina. Em seu acervo estão perto de três mil imagens, assinadas por grandes nomes da fotografia brasileira como Sebastião Salgado, Claudia Andujar, João Urban, Luiz Braga, Bóris Kossoy, Walter Firmo, German Lorca, Vilma Slomp, Marcelo Buainain, Miguel Rio Branco, entre outros, que formam uma das mais representativas coleções da fotografia brasileira contemporânea.

O Museu da Fotografia mantém um calendário anual de exposições com obras do acervo, além de abrigar mostras de fotógrafos brasileiros e estrangeiros. Sede de grandes eventos internacionais, o Museu já recebeu exposições memoráveis e também disponibiliza suas coleções para a participação em eventos nacionais e internacionais de fotografia, por meio de parceria com as principais instituições mundiais da área, ocupando assim papel fomentador de extrema importância para a fotografia brasileira. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010)

2.3.1.6 Casa Andrade Muricy

A Casa Andrade Muricy - CAM, inaugurada em 26 de junho de 1998, é um espaço de exposições da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná.

Realiza mostras de artes visuais contemporâneas, nacionais e internacionais, e também exposições de relevância histórica. É um espaço exclusivo para exposições e não possui acervo de obras de arte.

Situada em um prédio de estilo eclético, construído em 1926, tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, abrigou além das Coletorias Estaduais, a Repartição de Água e Esgoto, a Junta Comercial, a Secretaria de Estado de Finanças e, mais recentemente, algumas Coordenadorias da Secretaria de Estado da Cultura e a Sala Miguel Bakun – espaço de exposições.

O subsolo sediou há algum tempo o escritório regional da Funarte e mais tarde a bienal do Design.

A denominação da Casa é uma homenagem a José Cândido de Andrade Muricy (1895-1984), escritor e crítico literário e musical.

A Casa Andrade Muricy possui dois pavimentos de amplas salas de exposição; o pavimento térreo mede 412 m² e o pavimento superior 509 m², sendo 300 metros lineares com altura média de 4 metros. As salas de exposição são interligadas e dotadas de dispositivos de segurança, com circuito fechado de TV.

Dispõe de recepção e guarda - volumes, elevador e área administrativa. Na área central existe um pátio interno, denominado Espaço de Convivência, coberto com policarbonato transparente oferecendo condições para a apresentação de eventos.

A CAM possui área de aproximadamente 2 mil metros quadrados. (SEEC, 2010)

2.3.1.7 Museu de Arte Contemporânea do Paraná – MAC/PR

A idealização e criação do Museu de Arte Contemporânea do Paraná em 1970 foi iniciativa de um grupo de artistas e intelectuais, liderado por Fernando Velloso, que na ocasião integrava o Departamento de Cultura do Estado.

Em 1971 foi inaugurado em sede provisória, sendo sua instalação definitiva na atual sede em 27 de junho de 1974.

O MAC/PR tem como principal objetivo recolher, abrigar e preservar as obras dos mais representativos artistas brasileiros, em especial paranaenses, além de amparar, estimular, divulgar a criação contemporânea nas suas diferentes modalidades e promover intercâmbio com outras entidades congêneres.

O acervo do Museu foi iniciado com a reunião de obras premiadas em Salões Oficiais, na época espalhadas em vários setores da Secretaria de Educação e Cultura. Agregou ainda as obras de arte que estavam na antiga Diretoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação. Esta diretoria reuniu os prêmios de aquisição desde o primeiro Salão Paranaense em 1944. Esse acervo foi ampliado através de aquisições, doações, transferências e prêmios de Salões.

O Museu possui um acervo documental disponível para a comunidade, constando de biblioteca especializada em artes visuais; documentação da história do museu e uma hemeroteca com ampla documentação sobre artistas, instituições, autores de textos críticos, catálogo de exposições individuais e coletivas, fotografias, além de um acervo de multimídia.

O Museu trabalha com ações junto à comunidade, no atendimento a grupos de estudantes e escolas de ensino fundamental, médio e superior da rede pública e privada, além do atendimento ao público pesquisador. O Museu busca ainda a inserção dos deficientes visuais através do Projeto de Inclusão para Portadores de deficiência Visual e Pessoas com Necessidades Especiais cuja coordenação é do MAC/PR.

A comunicação com o público é feita através de exposições que enfocam a produção contemporânea e privilegiam o acervo a partir de convites a estudiosos que realizam propostas de curadorias específicas contextualizadas. O Museu abre ainda a Sala Theodoro DeBona para propostas de artistas iniciantes, selecionadas por seu Conselho Consultivo. E através dos Encontros no MAC, o Museu disponibiliza seu espaço, visando a aproximação entre artistas, profissionais da área, estudante, interessados e a própria instituição. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 52)

2.3.1.8 Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – MUSA

O Museu de Arte da UFPR – MUSA, reformado e inaugurado em abril de 2002, foi idealizado com o propósito de constituir, ampliar e preservar o acervo de artes visuais da Universidade Federal do Paraná, formado por principalmente por obras brasileiras com ênfase nos artistas paranaenses. A UFPR é a mais antiga do Brasil e o seu prédio é símbolo de Curitiba.

Através do projeto Educador de Museu a instituição disponibiliza monitores e estudantes do departamento de artes para as visitas monitoradas.

O museu atende as escolas agendadas e o público espontâneo que vai ao museu, também atraído pela curiosidade em conhecer o prédio da Universidade. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 54)

2.3.1.9 Museu de Arte Sacra

Sua inauguração no anexo da Igreja da Ordem foi em 12 de maio de 1981. Inicialmente o museu foi montado em uma sala da Cúria Metropolitana, com um acervo recolhido pelos arcebispos Dom Manuel da Silveira D'Elboux e Dom Pedro Fedalto. Com o crescimento das coleções, Dom Pedro Fedalto achou pertinente transferi-lo para um espaço nas dependências do Seminário Menor da Arquidiocese.

Através do movimento popular pelo restauro da Igreja da Ordem em 1978, optou-se pela criação de um espaço definitivo para o museu. A obra física foi executada mediante convênio entre a Mitra Arquidiocesana, a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Cultural de Curitiba.

Além de peças pertencentes à Cúria Metropolitana de Curitiba, convênios firmados entre colecionadores locais contribuíram para a ampliação e enriquecimento do acervo. Atualmente, o Museu de Arte Sacra da Arquidiocese de Curitiba possui em seu acervo mais de oitocentas peças classificadas como objetos de cultos, paramentos litúrgicos, obras raras, mobiliário, fotografias, pinturas, imaginária e objetos de uso pessoal.

Para agendar visitas, grupos de escolares e turistas devem entrar em contato com a Fundação Cultural de Curitiba para programação de um monitor para acompanhá-los. Pela proximidade com outros pontos de interesse, o passeio monitorado geralmente inclui, além do museu e da Igreja da Ordem, outras atrações do centro histórico. O atendimento ao público espontâneo aumenta no período de férias escolares, com visita de curitibanos e turistas, principalmente do interior do Paraná e de estados vizinhos – Santa Catarina e São Paulo. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 55)

2.3.1.10 Museu da Imagem e do Som - MIS/PR

No início de sua existência, em 1969, o MIS funcionava em uma sala da Biblioteca Pública do Paraná. Naquela época, sua principal atividade era registrar depoimentos de figuras ilustres e notáveis, dentro das artes, da política e da sociedade curitibana.

A partir de 1989, o antigo Palácio da Liberdade passou a ser sede definitiva do MIS. Localizado na Rua Barão do Rio Branco o prédio é um sobrado projetado por Ernesto Guitta. Até os anos 30 sediou o Palácio do Governo e depois a Chefatura de Polícia e a Secretaria da Justiça.

Sua atuação fundamental encontrava-se na preservação da história recente do Estado buscando reunir, registrar e manter em multimeios visuais, sonoros e audiovisuais os acontecimento ligados à história e a cultura paranaense. Também procura incentivar e apoiar a produção artística nas áreas de vídeo, cinema, fotografia,

audiovisuais e outros registros de imagem e som, conhecidos ou que venham a ser criados.

O acervo do Museu contém discos, filmes, fitas de áudio e vídeo, depoimentos e registros de história oral, fotografias, equipamentos fonográficos e cinematográficos. Com mais de um milhão e meio de imagens, conta com a Coleção do Palácio Iguazu, que tem registrada e negativos a história da política estadual desde 1943. O MIS possui também um acervo de livros, revistas, recortes de jornais e de revistas, catálogos, cadernos de cultura e manuais técnicos, com informações sobre música, cinema, vídeo, fotografia, rádio e televisão. Tem ainda o arquivo do jornalista Aramis Millarch, composta de recortes de jornais, fotografias, cartazes de cinema, coletâneas de crítica sobre cinema, das décadas de 1970 a 90. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p.53)

2.3.1.11 Museu Egípcio e Rosacruz

O Museu Egípcio e Rosacruz caracteriza-se por ser um museu de réplicas com objetos referentes ao Antigo Egito. Possui em seu acervo uma múmia original com cerca de 2.500 anos. Além da coleção egípcia, o museu possui algumas peças etnológicas (objetos indígenas) e paleontológicas (fósseis de peixes pré-históricos), todos recebidos como doação.

O acervo foi formado inicialmente a partir da doação realizada pelo artista plástico Eduardo D'Ávila Vilela, configurando-se um acervo de reproduções fiéis de famosas peças egípcias confeccionadas por ele próprio, com cerca de 500 objetos.

A Biblioteca Alexandria disponibiliza para a comunidade e para os estudantes um acervo constituído de várias áreas do conhecimento: literatura, psicologia, filosofia, história entre outras. Porém, é na área de misticismo que a biblioteca é mais especializada, possuindo atualmente cerca de 17.000 volumes.

A principal atividade educativa realizada pelo Museu Egípcio e Rosacruz são as monitorias oferecidas para a rede municipal, estadual e particular de ensino; do ensino fundamental e médio; de Curitiba e Região Metropolitana. São organizadas aulas em uma sala anexa ao auditório sobre a temática da exposição do Museu e depois os alunos percorrem a exposição. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 61)

2.3.1.12 Museu Paranaense

O Museu Paranaense criado em 1876, o terceiro mais antigo do Brasil, é entidade que promove a valorização e a guarda da História do Paraná. Com um acervo de aproximadamente 370.000 peças, hoje este Museu ocupa uma área de 4.700 m², no Palácio São Francisco e anexos, que constituem sua sétima sede.

Tendo sua tipologia norteadas nas áreas de Arqueologia, Antropologia e História, oferece assessoramento em pesquisas a estudantes, professores e interessados. Possui uma biblioteca especializada com aproximadamente 25 mil peças entre livros e periódicos, com ênfase na história paranaense.

Além das salas de exposições permanentes do acervo, o Museu possui salas de mostras temporárias organizadas dentro de temáticas com contexto histórico e social. Seu maior atrativo está no “Pavilhão da História do Paraná” onde uma “linha do tempo” proporciona ao visitante a visão cronológica da história do Estado, desde a pré-história até início do séc. XX. São objetos, armas, adornos, cuidadosamente dispostos para proporcionar uma belíssima visão da ocupação do território paranaense. O visitante tem ainda a oportunidade de apreciar obras de arte de renomados artistas.

O Museu possui serviços como auditório, laboratórios, salas para cursos [...]. Realiza sistematicamente cursos, palestras, debates, oficinas e apresentações artísticas. Entre os projetos desenvolvidos destacam-se: Projeto “Vivências Culturais na Melhor Idade” com atendimento a idosos em visita ao Museu, seguindo de realização de oficinas, projeções de filmes e apresentações musicais e o Projeto “Domingo no Museu” com apresentações artísticas nas manhãs de domingo, nos jardins da instituição. São promovidas ainda exposições itinerantes em outros municípios e em espaços alternativos como shoppings, faculdades, aeroporto e outros.

O Museu Paranaense é unidade da Secretaria de Estado da Cultura, do Governo do Estado do Paraná e conta com a colaboração da SAMP – Sociedade de Amigos do Museu Paranaense. (DINIZ; MEDRONI, 2006, p. 65)

2.3.1.13 Museu Ferroviário de Curitiba

Exposição permanente de um acervo único, coletado pela Rede Ferroviária de dentro de suas estações e locomotivas. É a preservação da memória ferroviária, que explica e justifica a história da economia paranaense e brasileira, de heróis anônimos ou não. Um resgate de sua dedicação, que colocaram nosso estado no rumo do crescimento. Sem dúvida, o passado dentro do futuro. Oferecemos monitorias para turmas de até 20 alunos por vez e podemos personalizar a monitoria conforme o nível escolar e os assuntos que estão sendo debatidos pelos alunos em sala de aula, contribuindo para reforçar o aprendizado. (SHOPPING ESTAÇÃO, 2010)

2.3.1.14 Museu da Gravura Cidade de Curitiba

Inaugurado em 1989, o Museu da Gravura possui um acervo de mais de cinco mil obras de artistas brasileiros e estrangeiros. Em seu acervo constam criações de Picasso, Louise Bourgeois, Joel Shapiro, Brice Marden, Andy Warhol, Kiki Smith, Isabel Pons, Oswaldo Goeldi, Valtércio Caldas, Calasans Neto, Amilcar de Castro, Cildo Meireles, Antonio Dias, Anna Bella Geiger, Tomie Otake, Daniel Senise, Mira Schendel, Luiz Carlos de Andrade Lima, Poty Lazzarotto, Uiara Bartira, Denise Roman, entre outros.

O Museu da Gravura mantém um calendário anual de exposições temporárias de artistas brasileiros e estrangeiros que se expressam nas diversas técnicas da gravura além de abrigar mostras com obras do acervo. Foi palco de um dos mais importantes eventos do país - a Mostra da Gravura, que reunia os mais representativos nomes da gravura contemporânea. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010).

2.3.1.15 Coordenação do Sistema Estadual de Museus – COSEM

A Secretaria de Estado da Cultura – SEEC criou a Coordenação do Sistema Estadual de Museus – COSEM para gerir o Sistema Estadual de Museus – SEM. Ambos foram instituídos pela Lei n.º 9.375 de 24 de Setembro de 1990. Com o objetivo de promover a articulação entre os museus existentes no Estado do Paraná e desenvolver programas de assessoria técnica na área da museologia, o Sistema Estadual de Museus promove exposições, programas de capacitação de recursos

humanos, intercâmbio com entidades congêneres e projetos voltados aos interesses da comunidade. O estabelecimento e consolidação de políticas públicas para os campos do patrimônio cultural, da memória social e dos museus, visa a democratização das instituições e o acesso aos bens culturais.

Sistema Estadual de Museus – SEM – PR

O SEM - PR é gerido pela SEEC e visa implementar políticas de integração e democratização dos museus paranaenses, através das seguintes diretrizes:

- desenvolver modelos de gestão que estimulem redes de sistemas municipais de museus;
- incentivar a democratização do acesso aos museus e a produção de bens culturais musealizados;
- desenvolver o Diagnóstico do Campo Museal do Estado, com visitas técnicas a todos os espaços museológicos realizando cadastramento, registro fotográfico e orientação técnica;
- apoiar a implementação de projetos nos museus para valorização da memória das comunidades locais;
- estimular a criação de programas educativos em museus;
- fomentar a capacitação de pessoal e proporcionar a realização de treinamentos e encontros;
- implementar ferramentas de divulgação da política museológica do Estado, através da edição de livros, periódicos, catálogos e sites na Internet;
- articular parcerias com órgãos culturais que venham resultar no desenvolvimento do trabalho museal no Paraná;
- consolidar a integração com a política museológica nacional junto ao Sistema Brasileiro de Museus e Sistemas Internacionais, Estaduais e Municipais. (COSEM, 2010)

3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

3.1 PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS

Este trabalho inicialmente foi composto fundamentalmente por pesquisa bibliográfica acerca do tema escolhido, bem como pesquisa via internet.

Houve certa dificuldade em fundamentar este trabalho, pois o tema Museus e Turismo é pouco explorado no Brasil, limitando o acesso a livros e artigos relacionados.

Os assuntos pesquisados para a formulação da base bibliográfica estão relacionados aos Museus e sua história, a trajetória do Turismo e a profissão do Turismólogo, bem como o ofício dos profissionais atuantes nas instituições museológicas. Trata-se ainda de patrimônio cultural e particularmente da história do Museu Paranaense.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

Será realizada uma pesquisa no padrão de formulário com profissionais atuantes em museus de Curitiba, dentre eles diretores, coordenadores ou responsáveis pelos mesmos.

Os assuntos que serão abordados na pesquisa referem-se a inclusão do Turismólogo em instituições museológicas e levanta questões referentes à aceitação do trabalho deste em museus pelos outros profissionais atuantes, bem como o conhecimento destes profissionais sobre o fluxo turístico em seus museus e a importância do museu em que trabalham para o turismo cultural em Curitiba.

3.2.1 Instrumento de pesquisa

Questionário aplicado com as seguintes questões:

QUESTÃO 1 – Identificação do entrevistado

FUNÇÃO – Coletar dados como nome, profissão, tempo de profissão, entre outros. Para saber o grau de envolvimento do mesmo com as atividades instituição pesquisada.

QUESTÃO 2 – Qual a contribuição dos MUSEUS para a atividade turística em Curitiba, segundo a sua percepção?

FUNÇÃO – Saber qual o nível de conhecimento do entrevistado sobre a atividade turística nos museus de Curitiba, para poder avaliar suas demais respostas sobre esta área.

QUESTÃO 3 – E qual a contribuição da ATIVIDADE TURÍSTICA da Cidade de Curitiba para os museus?

FUNÇÃO – Saber a opinião do entrevistado sobre a forma de contribuição do turismo para as atividades museológicas.

QUESTÃO 4 – Qual a influência que a inclusão de informações sobre os museus de Curitiba nos mapas e guias turísticos teria sobre o número de visitantes?

FUNÇÃO – Saber o grau de contribuição dos mapas e guias turísticos disponibilizados pelo setor público e privado para o número de visitantes no museus pesquisado, buscando também idéias para melhorar a forma de apresentação dos materiais disponibilizados e melhor forma de distribuí-los.

QUESTÃO 5 – A divulgação através da Linha Turismo para os usuários do serviço traria vantagem aos museus próximos aos seus pontos de parada? Cite-as.

FUNÇÃO – Saber a opinião do entrevistado referente à contribuição que a Linha Turismo pode trazer caso haja maior divulgação dos museus da cidade através dela.

QUESTÃO 6 – Segundo a sua opinião, se houvesse um roteiro turístico criado pelo órgão municipal/estadual de turismo e/ou comercializado pelas agências de viagens, focado aos museus da cidade, haveria incremento da atividade turística na Cidade de Curitiba? Justifique.

FUNÇÃO – Obter informações sobre a opinião que o entrevistado possui a respeito da criação de um roteiro turístico voltado exclusivamente para os museus da cidade.

QUESTÃO 7 – Qual o seu conhecimento sobre o trabalho ou áreas de atuação de Turismólogos em museus?

FUNÇÃO – Avaliar o nível de conhecimento do entrevistado sobre a profissão do Turismólogo e o seu campo de atuação.

QUESTÃO 8 – Este Museu possui um Turismólogo no seu quadro de funcionários? Em caso afirmativo, qual o setor/departamento em que atua.

FUNÇÃO – Traçar um parâmetro de profissionais atuantes na área, para posteriormente sugerir ações junto aos museus para que os mesmos conheçam o trabalho multidisciplinar do turismólogo.

QUESTÃO 9 – De que forma, segundo a sua percepção, o Turismólogo contribui(rá) para a valorização do espaço, uma vez inserido ao corpo técnico dos museus?

FUNÇÃO - Obter informações sobre o conhecimento do entrevistado referente à contribuição que o turismólogo trará a instituição museológica que está atuando.

QUESTÃO 10 – Você é a favor da inserção do Turismólogo ao corpo técnico das instituições museológicas? Quais as razões?

FUNÇÃO – Poder avaliar a opinião do entrevistado sobre a inserção do turismólogo em museu e suas razões, a fim de analisar posteriormente o objetivo deste trabalho.

3.2.2 Pesquisa com os museus da cidade de Curitiba.

Segundo dados obtidos na página institucional do site da Coordenação do Sistema Estadual de Museus (COSEM), Curitiba possui 47 museus administrados pelo Estado do Paraná, pela Prefeitura Municipal de Curitiba e também museus particulares, além de 44 espaços considerados museais, que somam 91 espaços museais na cidade, representando 40% de instituições museológicas do total do Estado do Paraná.

De acordo com o cronograma previsto para a realização desta pesquisa, os questionários foram aplicados pessoalmente, na forma de entrevista e enviados por e-mail aos diretores, técnicos ou responsáveis por departamentos dos museus pesquisados, onde o objetivo foi saber a opinião dos profissionais atuantes nestas instituições.

Apesar desta pesquisa ter um questionário pré-determinado, ela caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, pois ela tem uma análise profunda do tema e do conteúdo e sua amostragem não é probabilística. Dencker (1998) afirma que “a pesquisa qualitativa, [...] é adequada para se obter um conhecimento mais profundo de casos específicos, porém não permite a generalização em termos de probabilidade de ocorrência.”

A amostra pesquisada corresponde a 32% dos museus de Curitiba, escolhidos conforme sua segmentação, pois foi necessário saber a opinião de profissionais que atendem diversos tipos de público.

Os museus pesquisados foram: Museu Alfredo Andersen, Museu Botânico Municipal, Museu de Arte Contemporânea (MAC/PR), Museu de Arte Sacra, Museu de Arte da Universidade Federal do Paraná, Casa Andrade Muricy, Casa João Turin, Casa Romário Martins, Museu Egípcio Rosa Cruz, Museu Ferroviário, Museu da Fotografia Cidade de Curitiba, Museu da Imagem e do Som (MIS/PR), Museu da Gravura Cidade de Curitiba, Museu Paranaense e Coordenação do Sistema Estadual de Museus (COSEM).

Os museus não contemplados estão abaixo mencionados e a justificativa da não inclusão é citada respectivamente:

- Museu do Automóvel: Não conseguiu-se contato com o responsável pelo museu, pois o mesmo está no museu apenas duas a três vezes ao mês. O funcionário que atende o museu nos demais dias julgou-se com pouco conhecimento nesta área e preferiu não responder ao questionário.

- Museu de Energia da Copel: O questionário foi enviado via e-mail, após contato telefônico favorável, pois julgou-se mais cômodo e rápido para ambas as partes, mas não obteve-se retorno após alguns dias, fez-se posteriormente vários contatos com o responsável para conseguir a resposta do questionário, mas não obteve-se sucesso.

- Espaço Cultural David Carneiro: Este espaço não possui uma equipe ou uma pessoa responsável apenas por ele, quem administra as exposições e eventos do espaço é o setor de eventos do Hotel Pestana, entrou-se em contato com a responsável pelo setor que se mostrou muito favorável à responder o questionário, que foi enviado por e-mail, sem retorno em um prazo de alguns dias, retomou-se o contato na esperança de lembrá-la do compromisso firmado via telefone, novamente sem sucesso, fez-se mais duas tentativas e a justificativa dada era de que o hotel estava com um fluxo muito grande de eventos que necessitavam de um cuidado maior, a última tentativa foi colher as respostas pessoalmente na forma de entrevista, mas permaneceu-se sem atendimento devido o fluxo de clientes no hotel, em vista disso não insistiu-se mais, mesmo porque não havia mais tempo hábil para receber as respostas e tabular os dados.

- Museu do Expedicionário: Após contato telefônico prévio, enviou-se o questionário via e-mail, pois a pessoa que se disponibilizou a respondê-lo julgou que esta seria a melhor forma de respondê-lo porque o museu estava passando por uma transição de exposições e uma limpeza geral e não poderia nos atender pessoalmente. Ao passarem alguns dias sem receber a resposta, retornou-se com o contato telefônico e a pessoa informou que o computador do museu estava com problemas e solicitou o envio do questionário novamente, desta vez para outro endereço de e-mail. Aguardou-se mais alguns dias e ainda sem resposta, retornou-se via telefone e obteve-se a

informação de que a pessoa em questão havia entrado em Licença Especial e estaria em período de férias nos próximos três meses. Não insistiu-se na resposta do questionário por parte deste museu, pois não haveria mais tempo hábil.

- Museu de História Natural Capão da Imbuia: Ao buscar, na internet o telefone desta instituição conseguiu-se vários números, alguns não existiam e outros ninguém atendeu. Buscou-se então, de diversas formas, entrar em contato com alguém responsável por este museu, mas infelizmente não obteve-se sucesso e a pesquisa com esta instituição foi cancelada.

- Museu de Medicina, Associação Médica do Paraná: Entrou-se em contato com a Associação Médica e obteve-se a informação que o museu está temporariamente desativado, mas que se poderia contatar o médico responsável pelo espaço. Ao conversar com o Doutor em questão ele julgou-se com pouquíssimos conhecimentos a respeito da área de turismo e informou que o Museu de Medicina era aberto à comunidade, mas que o público alvo do espaço era alunos de medicina e outros profissionais da área de saúde que o visitavam em aulas práticas. Em vista disso, houve desistência de fazer a pesquisa com este museu.

- Museu da Memória Teatro Guaíra: Após contato telefônico favorável, o questionário foi mandado via e-mail, aguardou-se alguns dias e sem resposta, retornou-se o contato com a pessoa responsável e com pedidos de desculpa e uma promessa de retorno breve aguardou-se mais alguns dias. Infelizmente continuou-se sem resposta. Após alguns dias, houve a tentativa colher as respostas pessoalmente, mas continuou-se sem atendimento, mas com a informação de que a resposta seria enviada via e-mail, mas, novamente não obtive-se retorno e houve desistência deste espaço.

- Museu Oscar Niemeyer: Fez-se contato telefônico com o departamento educativo do museu e obteve-se a informação de que quem tinha autorização para responder o questionário era outra pessoa, do departamento de comunicação, mas que o educativo encaminharia o e-mail com o questionário à pessoa responsável. Esta pessoa foi extremamente ríspida ao receber o e-mail e o respondeu dizendo que não poderia perder um período inteiro para responder um questionário de dez, quinze questões de estudantes. Em vista desta resposta, não tentou-se mais contato.

- Museu Universitário PUCPR: Iniciou-se com um contato telefônico, o estagiário que atendeu disse para passar o e-mail das alunas em questão, que o responsável pelo espaço entraria em contato. Dois dias após o contato inicial, tentou-se novo contato e obteve-se a informação de que o responsável havia entrado de férias e que o estagiário não tinha autonomia para responder tal questionário.

Os demais museus da cidade não foram contemplados em na pesquisa devido a falta de tempo para contatar todos as instituições de Curitiba e deu-se preferência à um conjunto de museus de diferentes segmentos.

3.2.3 Definição das questões.

A primeira questão tem a função de identificar o profissional entrevistado, procurando saber dados como o seu nome, museu de atuação, cargo e também sua formação acadêmica.

O questionário inicia procurando saber qual a contribuição dos museus para a atividade turística em Curitiba e também o contrário, a contribuição da atividade turística para os museus, segundo a percepção do entrevistado, isso para que se possa saber se o entrevistado está engajado com o tema, e se é levado em conta o turismo como uma das principais demandas de público aos museus da cidade.

Em seguida, procura-se saber o conhecimento do entrevistado sobre o trabalho ou áreas de atuação dos turismólogos em museus, pois essa informação é fundamental para saber se o entrevistado compreende o foco da pesquisa.

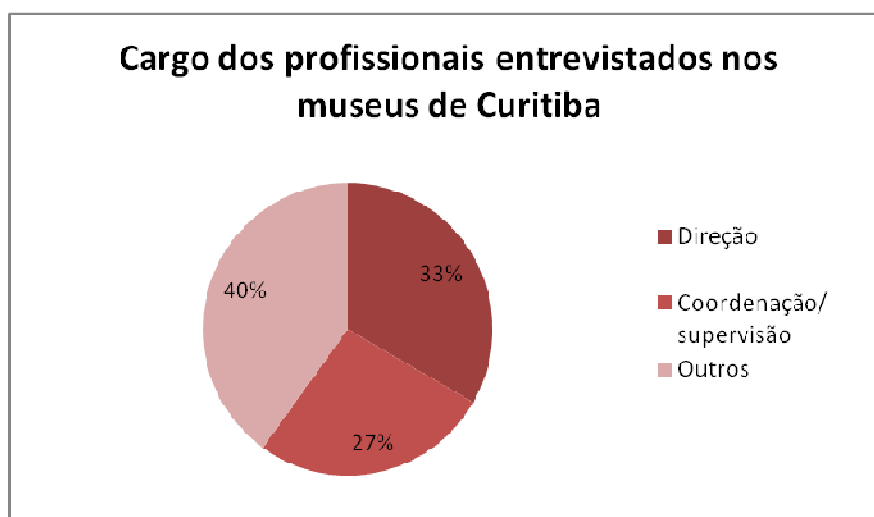
A partir da quinta questão, o foco das perguntas visa mais o lado prático da inserção do turismólogo em museus, como, saber se o referente museu possui um turismólogo em seu quadro de funcionários, e em caso afirmativo, em que área/departamento atua; de que forma, segundo a visão do entrevistado, o turismólogo poderá contribuir para a valorização do espaço, uma vez inserido ao corpo técnico dos museus; e também, se ele é a favor da inserção do turismólogo ao corpo técnico das instituições museológicas, pois é imprescindível que se saiba se há turismólogos atuando, de que forma ele pode contribuir (ou já contribui) para a valorização do espaço e, sobretudo se ele é bem aceito pelo corpo técnico já atuante nestas instituições.

Da oitava à décima questão o foco da entrevista está relacionado com a divulgação dos museus em mapas e guias turísticos da cidade, na Linha Turismo e também a criação e comercialização de roteiros turísticos por agências de viagem focando os museus de Curitiba, ponto importante para saber a opinião destes profissionais em relação a um nicho de mercado que pode surgir por parte de agências em parceria com o Estado do Paraná e a Prefeitura de Curitiba.

3.3 ANÁLISE DAS QUESTÕES

1 – Identificação do profissional, museu de atuação, nome, cargo e formação.

GRÁFICO 1 – Cargo dos profissionais entrevistados nos museus de Curitiba.



Fonte: das autoras

Através do Gráfico 1, observa-se que 33% dos profissionais entrevistados são diretores dos museus (5). Os coordenadores (3) supervisores (3) dos museus, incluindo coordenadores ou supervisores de cultura, representam 27%. O restante dos entrevistados correspondem à cargos como chefe de divisão (1), produtor cultural (1), técnico de acervo (1) e monitor (1) dos museus, com 40% do total.

2 – Qual a contribuição dos MUSEUS para a atividade turística em Curitiba, segundo a sua percepção?

Segundo os profissionais entrevistados, a contribuição dos Museus para a atividade turística em Curitiba envolve o aprofundamento do conhecimento dos turistas sobre a cidade, além de mostrar uma face do passado, objetos do cotidiano e ações da sociedade paranaense, abrangendo os aspectos sociais e econômicos, além de refletirem o nível cultural da região, que conseqüentemente influenciam no fluxo de visitantes na cidade.

Para Vivian Tedardi, supervisora cultural do Museu Egípcio Rosa Cruz, os museus da cidade se tornam uma outra opção de lazer e entretenimento aos turistas, uma vez que grande parte da divulgação turística de Curitiba se concentra nos parques da cidade.

Eliana Réboli, Coordenadora do Sistema Estadual de Museus, defende que “a relação dos museus com o turismo é importante para a valorização e divulgação da nossa cultura. Neles se detém o conhecimento histórico, artístico e científico que fazem parte da memória de Curitiba. Levar esse conhecimento àqueles que nos visitam é papel fundamental dos museus.”

Solange Candal, técnica de acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS/ PR), afirma ainda que “os museus, quer sejam históricos ou artísticos, podem contribuir para a atividade turística de Curitiba uma vez que possuem acervos e ações educativas sobre temas que contribuem para o entendimento da cultura e peculiaridades locais.”

3 – E qual a contribuição da ATIVIDADE TURÍSTICA da Cidade de Curitiba para os museus?

A divulgação da cultura foi item unânime entre as respostas dos entrevistados, além de que o aumento da atividade turística nos museus contribuirá para que se tornem mais visíveis, podendo até mesmo aumentar o investimento recebido por elas. Clarisse Poliquesi, chefe de divisão do Museu Botânico Municipal, afirma que “dependendo da demanda de público consegue-se participar de políticas governo.”

Grande parte dos entrevistados concordam ainda que a atividade turística force a melhoria dos roteiros expositivos dos museus e sua infra-estrutura.

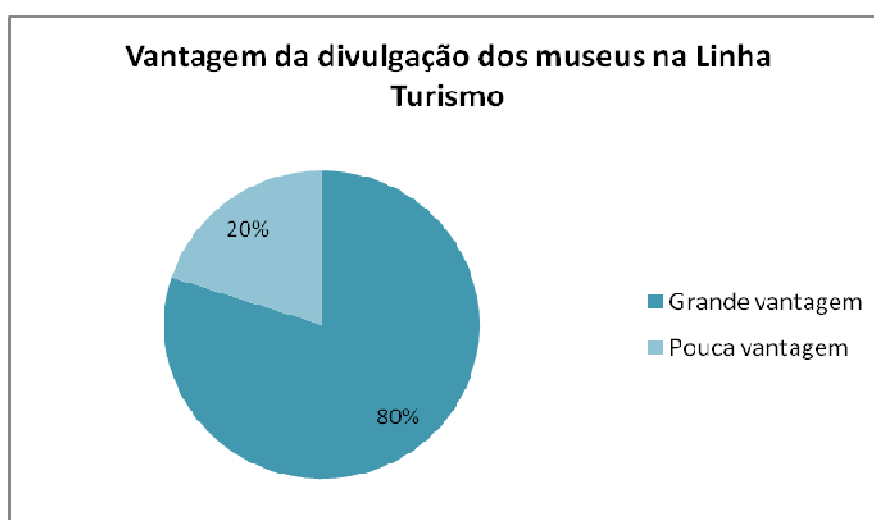
Para Ana González, coordenadora do Museu da Gravura Cidade de Curitiba, depende do museu, “pois a maioria dos museus da cidade funcionam com pouquíssimos recursos e poucas inserções na mídia, independente da qualidade de suas programações. Infelizmente, a atividade turística nesses museus se restringe a indicações entre pessoas que compartilham interesses e não contam com programação organizada ligada ao turismo, seja no âmbito municipal, estadual ou federal.”

4 – Qual a influência que a inclusão de informações sobre os museus de Curitiba nos mapas e guias turísticos teria sobre o número de visitantes?

Segundo os profissionais entrevistados, a influência que a inclusão de informações sobre museus de Curitiba nos mapas e guias turísticos teria sobre o número de visitantes seria grande, pois a divulgação se tornaria mais abrangente. Eles afirmam ainda que as informações já existentes nestes mapas e guias já são suficientes para se perceber um aumento de visitantes. Alfi Vivern, diretor do Museu de Arte Contemporânea, afirma que “parte da frequência, principalmente de estrangeiros, no MAC, resulta das informações destes guias”.

5 – A divulgação através da Linha Turismo para os usuários do serviço traria vantagem aos museus próximos aos seus pontos de parada? Cite-as.

GRÁFICO 2 – Vantagem da divulgação dos museus na Linha Turismo.



Fonte: das autoras

Segundo o Gráfico 2 apresentado, observa-se que a maioria dos entrevistados concorda que a vantagem obtida através da divulgação na Linha Turismo é grande, com 80%, pois afirmam que os museus que ficam próximos aos seus pontos de parada tem um fluxo maior de turistas.

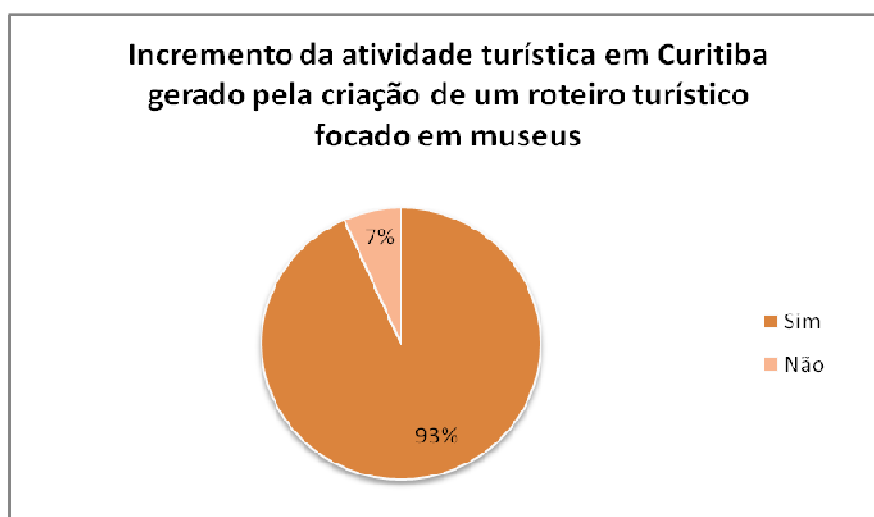
Apenas 20% discorda, afirmando que quem visita os museus em questão chegam através de linhas do transporte urbano, como é o caso do Museu Botânico.

Há ainda quem defenda uma reestrururação na Linha Turismo para a inclusão dos espaços culturais da cidade, como ponto de referência da nossa memória e da cultura local.

Ana González, coordenadora do Museu da Gravura Cidade de Curitiba, defende que “isso depende de muitos fatores, como o museu oferecer programação de interesse e infra-estrutura para receber um número maior de visitantes. “

6 – Segundo a sua opinião, se houvesse um roteiro turístico criado pelo órgão municipal/estadual de turismo e/ou comercializado pelas agências de viagens, focado aos museus da cidade, haveria incremento da atividade turística na Cidade de Curitiba? Justifique.

GRÁFICO 3 – Incremento da atividade turística em Curitiba gerado pela criação de um roteiro turístico focado em museus.



Fonte: das autoras

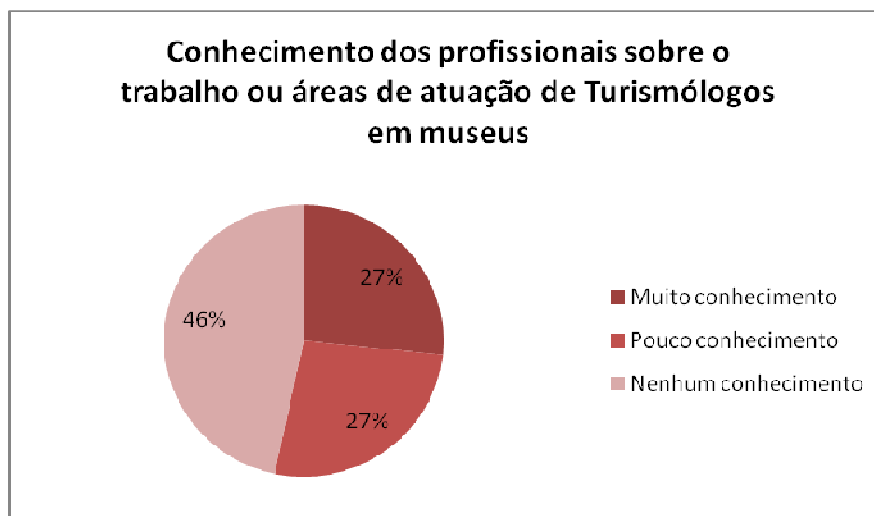
No Gráfico 3, a respeito do incremento da atividade turística em Curitiba gerado pela criação de um roteiro turístico focado em museus, observa-se que 93% dos entrevistados concordam que haveria um aumento do fluxo de visitantes na cidade e aumentaria sua permanência na mesma. Segundo Eliana Réboli, coordenadora do Sistema Estadual de Museus, “o museu pode representar um papel importante na construção de um projeto turístico-cultural para a cidade, pois ele tem como uma de suas funções preservar e difundir o patrimônio para garantir o desenvolvimento e a qualidade de vida as pessoas. Devem ser vistos não só por escolares, mas também pela comunidade local e pelos turistas nacionais e estrangeiros. O turista, ao viajar, se propõe a estar em contato com outras culturas, pois é uma atividade transcultural vinculada aos mecanismos sociais de consumo próprio de um mundo globalizado.”

Solange Candal, técnica de acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS/ PR) defende que “além do interesse pelo acervo específico de cada museu, poderia ser explorado também as características históricas e arquitetônicas importantes que seus edifícios têm para a cidade, o que normalmente desperta a atenção de turistas.”

Apenas 7% dos entrevistados não concordam, afirmando que o roteiro turístico por si só não incrementa a atividade turística, mas um conjunto de fatores que incluem a qualidade dos serviços prestados nesses locais, o interesse comum entre as instituições e os órgãos municipais/estaduais visando o mesmo objetivo. Um excelente material de divulgação não sustenta o produto que é oferecido, não tem a qualidade necessária para atender as expectativas do público consumidor, conforme relata Alfi Vivern, diretor do Museu de Arte Contemporânea.

7 – Qual o seu conhecimento sobre o trabalho ou áreas de atuação de Turismólogos em museus?

GRÁFICO 4 – Conhecimento dos profissionais sobre o trabalho ou áreas de atuação de Turismólogos em museus.

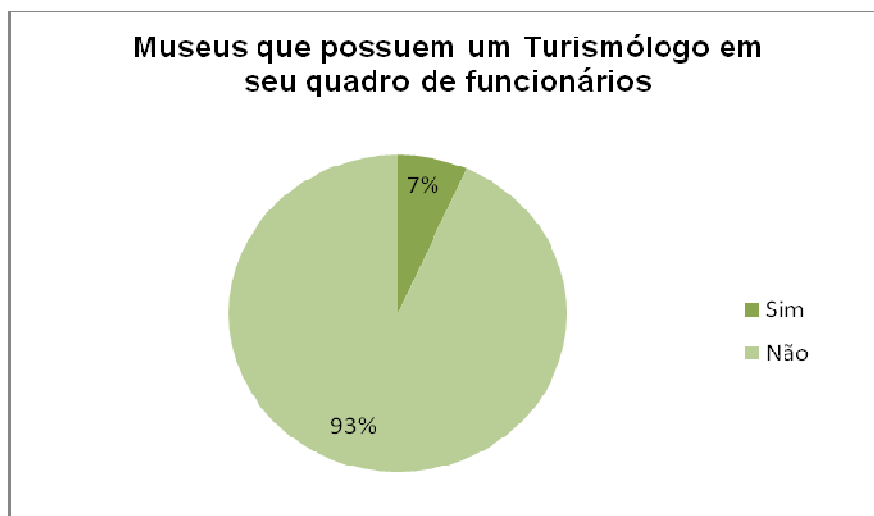


Fonte: das autoras.

O Gráfico 4, referente ao conhecimento dos profissionais sobre o trabalho ou áreas de atuação de turismólogos em museus revela que a maioria dos entrevistados, 46%, desconhece o trabalho ou áreas de atuação dos turismólogos em museus. Os profissionais que conhecem esse trabalho representam 27% dos entrevistados, que citam a participação na gestão ambiental, elaboração de projetos, atendimento ao público, pesquisa do perfil do visitante e divulgação dos museus. Aqueles que conhecem pouco deste trabalho também representam 27%.

8 – Este Museu possui um Turismólogo no seu quadro de funcionários? Em caso afirmativo, qual o setor/departamento em que atua.

GRÁFICO 5 – Museus que possuem um Turismólogo em seu quadro de funcionários.



Fonte: das autoras.

Segundo o Gráfico 5, referente a existencia de turismólogos trabalhando nos museus pesquisado, 93% responderam que não possuem um turismólogo em seu quadro de funcionários, há apenas no Museu de Arte da UFPR uma acadêmica em turismo atuando como estagiária.

Somente no Museu Paranaense há uma turismóloga no quadro de funcionários que trabalha no departamento de restauro, há também duas estagiárias que trabalham como monitoras no departamento educativo. O Museu Paranaense representa 7% do total de museus pesquisados.

9 – De que forma, segundo a sua percepção, o Turismólogo contribui(rá) para a valorização do espaço, uma vez inserido ao corpo técnico dos museus?

Os profissionais entrevistados não tem dúvidas de que funcionários com formação especializada tem melhor desempenho em suas atividades e rendem bons resultados para as entidades em que trabalham

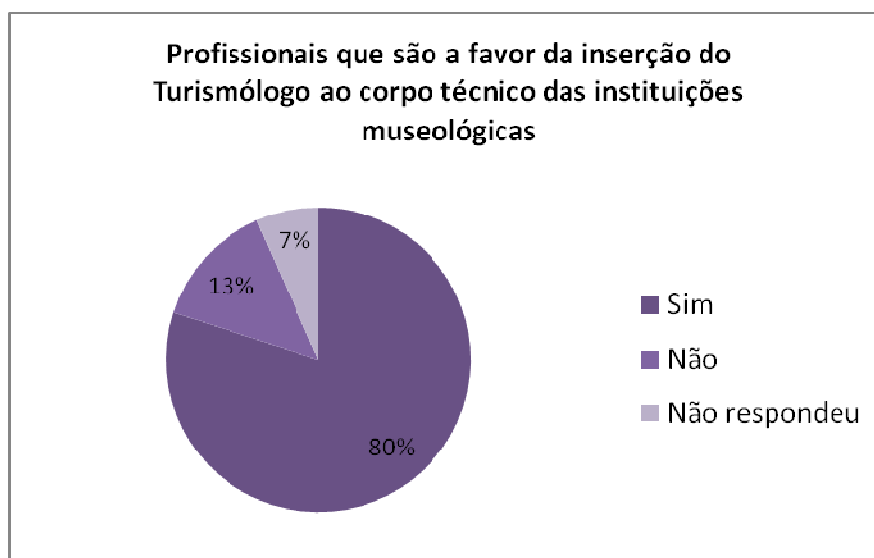
Os entrevistados defendem a idéia de que o turismólogo, nesta condição, contribui(rá) para traduzir o conhecimento científico dos técnicos para o público de maneira clara e ajudando a pensar e a realizar ações que melhorem e aumentem o potencial turístico destas instituições, dando maior amplitude e credibilidade ao museu

Segundo Elisabete Turin, diretora da Casa João Turin, “se o museu tiver a estrutura que deveria ter para oferecer um serviço com qualidade ao turista, então considero importante também a presença de um turismólogo (bilíngüe, no mínimo) pois, ele seria o mediador entre o turista, o espaço e seu conteúdo.”

Lenora Pedroso, diretora da Casa Andrade Muricy, defende que “o turismólogo inserido ao corpo técnico de um museu tem como missão participar junto às comunidades e operadoras de turismo, no planejamento e definição de objetivos, conteúdos, gestão e formas de divulgação do espaço, buscando integrar-se aos circuitos de turismo cultural.”

10 – Você é a favor da inserção do Turismólogo ao corpo técnico das instituições museológicas? Quais as razões?

GRÁFICO 6 – Profissionais que são a favor da inserção do Turismólogo ao corpo técnico das instituições museológicas.



Fonte: das autoras.

No Gráfico 6, que representa os profissionais que são a favor da inserção dos turismólogos ao corpo técnico das instituições museológicas, a maioria dos entrevistados (80%) concordam com esta inserção, pois acreditam que profissionais de áreas afins, quando trabalham juntos, ajudam a trazer para a instituição um olhar multidisciplinar e conseqüente um fortalecimento da instituição.

Segundo Euclides Marchi, diretor do Museu Paranaense, “ sim, se há a necessidade da divulgação do espaço por ele ser um ambiente de visitação, a inserção é uma consequência.”

Apenas 13% dos entrevistados não concordam com a inserção, defendendo a idéia de que a atuação de um turismólogo é muito mais abrangente do que a função que ocuparia em um único museu.

Rodrigo Marques, coordenador do Museu da Fotografia Cidade de Curitiba, afirma que “ em função de existir uma secretaria de turismo e um setor de comunicação social no município, acho que não.”

Somente um dos entrevistados não respondeu esta questão, representando 7% do total.

3.3.1 Resultados

Através das análises das respostas dos entrevistados, percebe-se que a maioria dos profissionais atuantes em museus possuem pouco ou nenhum conhecimento a respeito da atuação dos turismólogos em museus, isso deve-se ao fato dos mesmos terem pouco contato com esse profissional, pois apenas um dos museus pesquisados têm um turismólogo em seu quadro de funcionários.

Apesar disto, a maioria dos entrevistados é a favor desta inserção, pois, acham que os turismólogos irão contribuir fundamentalmente para a atividade turística em seus espaços.

Destacam ainda a necessidade da melhoria da divulgação do turismo cultural de Curitiba, maior investimento às instituições museológicas da cidade por parte do governo, pois foi constatado por parte dos entrevistados que há uma grande carência de subsídios aos museus mantidos pelos órgãos municipais e estaduais.

Os profissionais entrevistados concordam que atividade turística e museus andam juntos, pois a essência dos museus é mostrar seu conteúdo aos visitantes, transmitindo-lhes conhecimento e cultura e proporcionando-lhes lazer e entretenimento. E muitos turistas quando viajam para outras regiões, buscam conhecer sua cultura, sua identidade, que está retratada em sua maioria nos museus da cidade. E sendo assim, os turismólogos apenas agregariam aos museus, aproximando-os do público visitante.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa foi saber, de acordo com os responsáveis, coordenadores e demais funcionários dos museus pesquisados, a importância do turismólogo em instituições museológicas, bem como os seus respectivos conhecimentos a cerca da movimentação turística nos museus em que trabalham.

O referencial teórico aponta de forma breve a evolução histórica do turismo no seu aspecto cultural, um breve histórico dos museus e a história dos museus pesquisados de forma resumida.

Tomando como base o percentual de museus pesquisados, os profissionais entrevistados percebem a contribuição dos museus para a atividade turística em Curitiba como sendo elemento importante para a valorização e divulgação da nossa cultura. E concordam ainda que a atividade turística força a melhoria dos roteiros expositivos e sua infra-estrutura devido ao público, mas a realidade dos museus de Curitiba é diferente, pois eles funcionam com pouco investimento dos órgãos públicos e têm pouca divulgação na mídia e não possuem uma programação organizada ligada ao turismo receptivo, que inclusive é praticamente inexistente na cidade.

Dos quinze museus pesquisados, apenas o Museu Paranaense possui uma turismóloga em seu quadro de funcionário, reflexo este da falta de conhecimento dos profissionais atuantes em museus à respeito das habilidades dos turismólogos, da Secretaria de Cultura que não disponibiliza vagas que possam ser preenchidas por turismólogos em concursos públicos e também do próprio turismólogo que em seu período acadêmico é constantemente estimulado a trabalhar nas outras áreas do turismo, como operadoras e agências de viagem, hotéis e empresas de eventos.

Apesar do número insatisfatório de questionários respondidos, podemos concluir que a maioria dos profissionais pesquisados é a favor da inserção do turismólogo em museus, julgando ser um profissional com visão holística, mas há ainda falta de informações sobre o trabalho do turismólogo, pois, os que comentaram a respeito de sua atuação citaram apenas funções básicas como guia de grupos e auxílio na divulgação dos museus junto à operadoras e agências de turismo.

Devido à falta de informações à respeito do trabalho do turismólogo, deveriam haver mecanismos de divulgação elaborados por instituições de ensino públicas e privadas para tornar o seu futuro profissional conhecido no mercado cultural, bem como maior número de projetos ligados a turismo e museus, como debates, palestras e oficinas sobre a atuação do Turismólogo dentro de espaços culturais.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Y. M. **História das viagens e do turismo** – São Paulo: Aleph, 2002. – (Coleção ABC do Turismo)

BELTRÃO, O. **Turismo: a indústria do século 21.** – Osasco: Novo Século, 2001.

CAMARGO, H. L. **Patrimônio histórico e cultural.** – São Paulo: Aleph, 2002.

CASTRO, A. L. S. **Museu e turismo: uma relação delicada.** – Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COSEM. **Página institucional da Coordenadoria do Sistema Estadual de Museus,** 2010. Disponível em:< <http://www.cosem.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>> acessado em 01/11/2010 às 16h57

COSTA, F. R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação.** – São Paulo: Senac São Paulo, 2009.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo** – São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades** – São Paulo: Saraiva 2006.

DINIZ, W. ; MEDRONI, M. **Museus do Paraná.** – Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FUNARI, P. P.; PINSKY, J. **Turismo e patrimônio cultural** / organização Pedro Paulo Funari, Jaime Pinsky – São Paulo: Contexto, 2002. 2ª ed. - (Coleção Turismo Contexto).

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Casa Romário Martins**, 2010. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/espaco/casa-romario-martins>>. Acessado em: 13/09/2010

_____. **Museu da Fotografia Cidade de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/espaco/museu-da-fotografia-cidade-de-curitiba>>. Acessado em: 13/09/2010.

_____. **Museu da Gravura Cidade de Curitiba**, 2010. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/espaco/museu-da-gravura-cidade-de-curitiba>>. Acessado em :01/11/2010.

IBRAM. **Página institucional do site do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM**, 2010. Disponível em: <<http://www.ibram.gov.br/>>. Acessado em: 09/11/2010.

IPHAN. **Página institucional do site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN**, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/MontarPaginaSecao.do?id=11175&retorno=paginalphan>>. Acessado em: 09/11/2010

JULIÃO, L. **Apontamentos sobre a história do museu**, 2010. Disponível em: <www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf>. Acessado em: 27/10/2010.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. – Belo Horizonte: Ed: UFMG; Território Brasilis, 2002.

OLIVEIRA, S. **Turismo contemporâneo**. – Rio de Janeiro – RJ: Papel & Virtual, 2004.

REJOWSKI, M. **Turismo no percurso do tempo**. – São Paulo: Aleph, 2002.

SALGUEIRO, V. **Grand Tour**: uma contribuição a história do viajar por prazer e por amor à cultura. vol. 22 – Niterói – RJ: UFF, 2002. - (Revista Brasileira de História)

SEEC. **Página institucional da Secretaria de Estado da Cultura – Casa Andrade Muricy**, 2010. Disponível em: <<http://www.cam.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acessado em: 13/09/2010.

SHOPPING ESTAÇÃO. **Museu Ferroviário**, 2010. Disponível em: <<http://www.shoppingestacao.com/museus/index.aspx>>. Acessado em: 01/11/2010.

SIQUEIRA, D. E. **História social do turismo** – Rio de Janeiro: Garamond; Brasília, DF: Ed. Vieira, 2005.

SUANO, M. **O que é museu** – São Paulo: Brasiliense, 1986. - (Coleção Primeiros Passos)

TRIGO, L.G.G. **Viagem na memória**: guia histórico das viagens e do turismo no Brasil. – São Paulo: Senac, 2000

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. - São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001. – (Coleção Megalópolis).